

**Livro:** *Um show  
de James Brown  
que entrou para a  
História • 4*

# A noite em que James Brown evitou que Boston fosse posta abaixo

Mas ele botou para quebrar em show, documentado em livro e filme

Tom Leão

**N**a manhã do dia 4 de abril de 1968, um domingo, um único tiro calou a voz mais forte da comunidade negra americana, o pastor e político Martin Luther King Jr. (como canta o U2 em "Pride, in the name of love"), na sacada de um hotel, em Memphis. Por causa disso, por todos os Estados Unidos ocorreram incidentes envolvendo a comunidade negra e a polícia. Mas o mais sério deles poderia ter acontecido na cidade de Boston. Quem salvou o dia foi James Brown.

## Cantor evitava misturar sua carreira com a política

Os eventos dessa fatídica data estão contados no documentário produzido pelo canal VH1 "The night James Brown saved Boston", de David Leaf (o mesmo do documentário "Os EUA x John Lennon", que estreia no Rio na semana que vem), em exibição no canal Cinemax. Mas um excelente complemento para ele é o livro "O dia em que James Brown salvou a pátria" (saindo aqui pela editora Zahar), de James Sullivan, jornalista do "Boston Globe" e da revista "Rolling Stone".

Usando os acontecimentos como base, e botando James Brown no contexto social e político dos Estados Unidos nos anos 1960, Sullivan aproveita e faz uma espécie de biografia paralela do astro do funk, que, naquele momento, era a figura negra mais importante da América na área da música pop ("Se Elvis é o rei, Brown é o quê? Deus?", dizia uma frase da época). E, com a morte de King, ele acabou sendo a principal naquela ocasião, embora não fosse afeito a política.

Mas por que Brown salvou Boston e o dia? Ele tinha um show marcado naquela data, no imenso Boston Garden, que, por conta dos acontecimentos, esteve à beira de ser cancelado. Com medo dos conflitos nas ruas (a cidade então tinha grande e influente população negra), o prefeito e a polícia pediram para que as pessoas ficassem em casa, pois o show — por este motivo — seria transmitido ao vivo pela televisão local. Isso causou um

problema porque Brown já tinha um contrato com uma rede de TV que iria exibir uma série de shows seus e queria exclusividade naquele meio. Mas, mediante uma conversa com o prefeito Kevin White, e um acerto monetário (já que várias pessoas pediram o dinheiro de volta para assistir ao show em casa, pela TV), Brown acabou topando fazer a apresentação.

Reprodução



E, então, aquilo acabou virando um momento político importante na cidade de Boston, porque, se não fosse o espetáculo (tenso e dinâmico, como tudo o que JB fazia), que manteve algumas pessoas

no Boston Garden e milhares em casa, coladas aos aparelhos de TV (e também de rádio, que transmitiu o áudio), provavelmente teria rolado um quebra-quebra monumental na cidade. A tensão no ar era tanta que, logo após o fim do show ao vivo, ele foi retransmitido novamente, na íntegra, no mesmo canal, para manter as pessoas em casa.

Sullivan conta isso de forma a conectar os fatos ao passado e ao (então) presente de Brown, de como um menino pobre, sem lar, ex-presidiário, tornou-se o maior ídolo da música negra americana (e rico o bastante a ponto de voar em seu próprio jatinho e comprar a estação de rádio de sua cidade natal, Macon, na Georgia, onde ele costumava fazer ponto na porta como engraxate). E, como era de seu feitio, ele dizia isso alto e com orgulho.

O livro (que tem prefácio escrito por Chuck D, líder da politizada banda de rap Public Enemy, que relembra que acompanhou esta memorável noite, ainda garoto, pela televisão e de como este momento foi de fundamental importância em sua formação política e musical, praticamente o fazendo ser quem é hoje) complementa o documentário de forma perfeita, dando-nos as informações paralelas que não temos no filme, que se foca estritamente na apresentação e nos momentos tensos que a precederam. Se o falecido James Brown não tivesse subido ao palco, a sinistra soma de 40 mortos, centenas de feridos e mais de 20 mil presos contabilizada naquela data teria sido muito maior. ■

**O REI DO FUNK:**  
apresentação no dia  
em que Martin Luther  
King foi morto evitou  
conflitos em Boston

